

EDITORIAL

Análise Textual Discursiva: mosaico de metáforas

Foi com entusiasmo que recebemos o convite dos editores da *Revista de Pesquisa Qualitativa* para elaborarmos um dossiê sobre a metodologia de análise de textos em pesquisas qualitativas denominada de Análise Textual Discursiva (ATD).

Encaramos o desafio pensando em dois aspectos. O primeiro, de ordem afetiva, é a homenagem a nosso orientador, Prof. Roque Moraes, que desenvolveu e cunhou a Análise Textual Discursiva em um tempo que se concretizou quando fomos seus alunos de doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. De muitos diálogos, originou-se o livro *Análise Textual Discursiva* (MORAES; GALIAZZI, 2007), mas as marcas de sua elaboração estão em seus textos anteriores.

O segundo aspecto é o da difusão dessa metodologia em diferentes campos de pesquisas qualitativas, especialmente na Educação, na formação de professores e no Ensino de Ciências. Esta provavelmente foi a razão pela qual os editores da *Revista de Pesquisa Qualitativa* fizeram o honroso convite, o qual não poderíamos deixar de aceitar. Estávamos no início da primavera e tínhamos uma estação do ano para aprontar o trabalho. Tínhamos que estar isolados e usar máscara ao sair, lavando sempre as mãos! Justamente na primavera, período que nos inspira a pensar em renovação e que, neste ano, em particular, nos estimula a ter esperança!

Pensar nos autores foi o próximo passo: colegas de intensas vivências na formação de professores, na Educação em Ciências e na Educação Ambiental, mas precisávamos de outros diálogos, mesmo assim, nunca suficientes! Feitos os convites, era esperar o aceite de compromisso com o desafio do tempo a devorar os dias! Celebramos cada um dos 20 aceites recebidos quando o mês de setembro findava.

O conjunto de autores é muito significativo para se pensar no trabalho que nosso orientador nos deixou de legado: uma comunidade aprendente. Os textos chegaram de acordo com o cronograma combinado. O mês de outubro já tinha se ido rapidamente.

A leitura às cegas, feita com cuidado, contando sempre com a assessoria da *Revista de Pesquisa Qualitativa*, e a reescrita, processo recursivo hermenêutico aprendido e sempre incentivado pelo Prof. Roque, findaram quase no final de novembro.

O resultado desse trabalho é o presente dossiê, no qual se expressam diferentes abordagens da ATD, configurando diferentes paisagens da metodologia – pesquisadores experientes que difundem a metodologia com seus orientados, pesquisadores que ensinam ATD em aulas de graduação e de pós-graduação, textos de cunho teórico, textos de cunho teórico-prático, textos de articulação entre diferentes *softwares* e a ATD. Há de textos teóricos a textos práticos em aulas de graduação – lembrando Gadamer, da palavra ao conceito e retorno à palavra!

Com autorização da Editora da Unijuí, que detém os direitos autorais do livro *Análise Textual Discursiva*, abrimos o dossiê com um texto de nosso querido mestre. O texto escolhido foi “Avalanches reconstrutivas”, por ser um de seus últimos textos. Nele, a aproximação com a Hermenêutica está marcada, e também é nele que Roque nos ensina que o caráter hermenêutico do processo é constituído pela abertura a rupturas com preconceitos epistemológicos, ontológicos e metodológicos alinhados a paradigmas dominantes de ciência. Também nos ensina que a análise é processo de reconstrução de compreensões anteriormente constituídas a partir da interação com diferentes interlocutores teóricos e empíricos.

Foi na convivência intensa com o Professor Roque que aprendemos a nos apresentar autores em nossa capacidade interpretativa. Lembrando Hans-Georg Gadamer e Boaventura de Sousa Santos, o conhecimento que produzimos é antes autoconhecimento. Aprendemos ainda com o Professor Roque o valor e a complexidade da linguagem, que, em uma perspectiva hermenêutica, exige que estejamos abertos a compreensões cada vez mais elaboradas e, ao mesmo tempo, abertas a metáforas no modo de expressão do conhecimento produzido.

No final do texto “Avalanches Reconstitutivas” – acostumamo-nos a chamar os textos por suas metáforas-título –, o Professor Roque escreve assim:

Os movimentos da ATD vão da semântica à hermenêutica, com intenso envolvimento na linguagem em uma perspectiva de discursos sociais, exigindo do pesquisador inserir-se em círculos hermenêuticos capazes de lhe possibilitar compreensões cada vez mais elaboradas e válidas, seguidamente criando espaços para a metáfora como modo de sua expressão.

No livro de ATD, Roque apresentou várias metáforas, cada texto com uma delas no título. “Tempestade de luz”, trazendo a ideia dos *insights*, da intuição e da compreensão. “Explosão de ideias”, para representar o processo de unitarização e de leitura intensa do *corpus*. “Construindo quebra-cabeças ou mosaicos”, a fim de enfatizar a elaboração das categorias iniciais – muitas – e intermediárias – quantas vezes forem necessárias –, até a organização de categorias finais, com denso processo de aprendizagem e comunicação. “Movimentando-se entre as Faces de Jano”, para ressaltar a atenção ao passado, ao que foi elaborado, e também ao futuro, ao que ainda precisa ser construído, ou para evidenciar um olhar para fora e um olhar para dentro – ou tantas outras interpretações que o mito Jano possibilita, representando o recomeçar, a dialética na experiência negativa que move toda compreensão. Os “Mergulhos Discursivos”, que atentam para a complexidade da linguagem, nunca transparente e superficial, e suas implicações para interferir em discursos. “Metamorfozes Múltiplas”, que considera transformações do pesquisador, que se desconstrói para ressurgir Fênix, em reconstruções discursivas compartilhadas. Por último, “Avalanches Reconstitutivas”, movimentos dialéticos e hermenêuticos de transformação, publicado também neste dossiê.

Se, ao escrevermos esta apresentação, propuséssemos uma metáfora-síntese do texto apresentado, qual seria?

Para compor este editorial de apresentação, como exercício de ATD, pedimos que os autores trouxessem uma metáfora de seus textos. E elas vieram! Cada metáfora, uma tessela – e assim formamos um mosaico, um mosaico de metáforas, sem que os autores soubessem dessa ideia. Eis nosso mosaico de metáforas.

No texto *A fusão de horizontes na Análise Textual Discursiva*, apresentamos, cada um de nós três, sua metáfora.

Eu, Maurivan Ramos, pensei na metáfora do cultivo de orquídeas, pois, para chegar ao desabrochar dessas enigmáticas, exóticas e delicadas flores, é necessário: saber lidar com a incerteza e com as surpresas que vão surgindo; lançar mão de substratos adequados – os colegas autores que, com suas experiências e motivação, se envolveram na produção de seus textos; adubar adequadamente, esclarecendo as dúvidas que emergem; disponibilizar a luz necessária, com debates esclarecedores em um grupo diferenciado, com ideias distintas sobre termos e processos associados à ATD; ajustar o calor das exigências de um curto tempo para a realização desse tipo de empreendimento; ter paciência e saber esperar, pois, se houver os cuidados necessários, as flores virão.

Eu, Valdez Lima, ao ser instigada a pensar em uma metáfora para o processo de ATD, associei a uma travessia os sentimentos que se experimentam no decorrer da análise. Lembrei-me de emoções vividas ao realizar a travessia da cordilheira dos Andes e pensei que percorrer o processo de análise gera sentimentos análogos. Ao pé da cordilheira, a empreitada parece assustadora. Percurso grande demais, incertezas climáticas e dúvidas quanto à altitude quase nos impulsionam a recuar, a desistir da aventura. Entretanto, à medida que a viagem vai acontecendo, descortina-se um sem-fim de perspectivas imagéticas e sensoriais. A chegada ao ponto mais alto suscita uma explosão de alegria pelo deslumbre da paisagem, e é nesse momento que se firma a certeza de que valeu a pena a travessia. Pois bem, na ATD, ao ser finalizada a fase de produção de dados, instaura-se um período de incertezas quanto ao processo analítico, e, embora a metodologia tenha ancoragens operacionais, transitar entre a necessidade de sistematização e o respeito à intuição, com o propósito de chegar a compreensões renovadas sobre o objeto de estudo, pode constituir-se em ação desafiadora demais nesse primeiro momento. Entretanto, na continuidade, o pesquisador, refletindo sobre as ideias do *corpus* e explorando os muitos sentidos possíveis, realiza articulações, conexões, até então não pensadas. Essa emergência de novas perspectivas encaminha para a reconstrução de teorias e do discurso social sobre o tema investigado, ao mesmo tempo em que fortalece a relevância do estudo. Por fim, tais compreensões são expressas nos metatextos produzidos, e é nesse momento da travessia que o pesquisador identifica a grandiosidade e a riqueza da caminhada empreendida.

Eu, Maria do Carmo Galiazzi, para pensar na produção deste dossiê, escolhi o mosaico, porque me faz pensar em tradição, artesanaria, versatilidade, criatividade, requinte e

invenção. Aliás, no livro de ATD, se vocês olharem, verão que o título é quebra-cabeça ou mosaico com ponto de interrogação, questionamento meu à metáfora inicial do texto. O mosaico tem tradição milenar de unir pequenos fragmentos, formando os mais variados objetos. Foi assim que cada texto foi produzido, com as histórias, os fragmentos, os teóricos, as referências a outros textos escolhidos, trazidos para o diálogo e a leitura. Não é processo fácil nem rápido. Tem a morosidade da produção de unidades – as tesselas –, da organização em cores, formando as categorias. As categorias cobrem de sentidos o mosaico resultante, o metatexto. É assim que interpreto nosso texto: Maurivan, Valderez e eu, tecendo juntos uma história de mais de 40 anos. É assim também que interpreto cada um dos textos – outros mosaicos – e este conjunto de mosaicos, um mosaico maior: o dossiê.

Como a análise de uma obra de arte atentando para seus detalhes, organizamos os artigos em três focos em nosso mosaico de metáforas. O primeiro deles é o dos textos que analisaram a Análise Textual Discursiva.

Robson Simplício de Sousa apresenta a metáfora de seu texto.

Não vejo melhor alternativa do que reforçar a metáfora da qual a análise parte e à qual se dedica: a Tempestade de Luz. O Prof. Roque Moraes parte da metáfora de Kaufmann para apresentar a ATD, em que o processo de análise contribui para formar a tempestade. Trata-se da formação de um sistema conturbado de nuvens, em que a desordem é necessária para a constituição de novas ordens. Foi isso que tentei realizar com meu texto *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva*, ao buscar nele os múltiplos sentidos do que vem a ser *texto* na ATD. Para isso, foi preciso uma desordenação do sistema textual para que suas unidades de significado – as gotículas de água e suas cargas elétricas – fossem reagrupadas em categorias, de maneira a constituir as nuvens necessárias para a formação dos primeiros *flashes* de luz, ou seja, daquilo de que vamos nos dando conta ao longo da análise, das emergências.

Uma tempestade é normalmente forte, violenta e, às vezes, arrebatadora. Entretanto, as tempestades nunca são iguais. Seus raios de luz acontecem sempre com intensidades e formatos distintos. Uma tempestade é sempre uma nova experiência que nos modifica. Assim é a ATD, em seu movimento interpretativo, em especial. Uma tempestade que nos

é estranha; muitas vezes, buscamos negá-la, mas ela faz parte do processo de nossas experiências no/com o mundo. Somos, portanto, mexidos, mudados pelo que dela vem, especialmente porque “na tempestade sempre há muita luz”, como nos diz o Prof. Roque. Ela ilumina a paisagem, possibilitando vermos outras perspectivas do horizonte. No artigo para este dossiê, busquei passar por outra tempestade, à luz de uma tempestade anterior, principalmente porque não podemos negar nossas vivências com as tempestades anteriores que nos marcaram. Aí está a necessidade de valorizarmos a historicidade do fazer metodológico.

Rodrigo Eder Zambam apresenta a metáfora para seu texto *A Hermenêutica Filosófica na Análise Textual Discursiva*.

Eu, para pensar a produção deste dossiê, escolhi a metáfora da janela. Abrir a janela para um novo mundo. A experiência com a ATD é a relação do contato com um novo mundo que está sempre nos surpreendendo. A hermenêutica filosófica ajuda-nos a pensar na experiência que realizamos no movimento de abrimo-nos para um novo mundo, de compreendermos esse mundo e de compreendermo-nos. Cito Mario Quintana, que brilhantemente revela sua magistral capacidade de filosofar com sua poesia: “Quando abro a cada manhã a janela de meu quarto, é como se abrisse o mesmo livro numa página nova”. Aparentemente, o livro é o mesmo, mas nós não somos mais os mesmos. Transformamo-nos a cada instante, em nossa condição existencial de *ser-e-estar-no-mundo*. Escutar os diversos mundos que se apresentam é um acontecer hermenêutico que dignifica nossa condição humana e amplia a capacidade de compreensão e de interpretação. Que possamos estar dispostos a abrir as janelas e a envolvermo-nos neste acontecer hermenêutico, genuína experiência dialógica.

O texto *Análise Textual Discursiva: entre a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso*, de Gleny T. D. Guimarães e Marlúbia Corrêa de Paula, é apresentado como segue.

Em dois momentos, em diferentes perspectivas, tratamos sobre água em nosso texto. Tratamos sobre o guarda-chuva, quando precisamos acolher discursos. Lembramos que guarda-chuva oferece limite e proteção – sob tempestades. Já em outro tópico, em outra página, descrevemos desafios e elegemos o *iceberg*. Variamos da proteção ao desafio,

assim como variante é o estado da água nessas descrições. Nisso, propusemo-nos a investigar (dentro do possível) as proporções desse *iceberg*: a inquietação que nos move faz com que recordemos – tudo isso é água, assim como toda fala pode ser discurso. No entanto, temos diferentes modos de desenhar/reconhecer ou investigar o instrumento que nos acolhe – o guarda-chuva. Certamente, não ajudaria muito no desafio do *iceberg*, recorrermos ao guarda-chuva. Mas por quê? Não é tudo água? Sim, é. Porém, em diferentes estados, requerem essas águas outros instrumentos para a sua apreciação. Nesse propósito, poderíamos dizer: não é tudo discurso? Sim, é. Contudo, em diferentes estados de apropriação, esses discursos também precisam de diferentes instrumentos de identificação: eis aqui a essência que distingue o uso de ATD e de Análises de Discursos - Ads diferentes estados propostos por palavras e conceitos, os quais precisamos desvendar com adequados procedimentos de análise/inquirição.

O artigo *A Análise Textual Discursiva enquanto experiência estético-educativa*, de Diana Paula Salomão de Freitas, tem a metáfora da espiral ascendente.

Uma espiral ascendente de sentidos, significados e emoções no processo de compreensão dos fenômenos por meio da ATD. Uma espiral que nos leva ao movimento contínuo, expansivo, construtivo. Um movimento que não é linear, um movimento que nos remete a uma ideia de equilíbrio dinâmico, em permanente mudança, sem jamais retornar ao nível anterior.

Assim são os movimentos na ATD e na nossa própria construção enquanto sujeitos-pesquisadores!

Caminhamos em um desenrolar permanente na busca pela compreensão do(s) fenômeno(s), desvelando e construindo sentido(s) e significado(s) enquanto experienciamos um rol de emoções e sentimentos, em um movimento infundável. E assim vamos construindo nossa espiral ascendente e expansiva, sempre caminhando em direção a novos horizontes, mas sem perder de vista os passos e etapas anteriores e acolhendo, sempre, as diferentes emoções e sentimentos experimentados. Assim é o engajamento do pesquisador no trabalho de pesquisa qualitativa com Análise Textual Discursiva.

O texto *Análise Textual Discursiva como constituinte de um processo de comunicação*, de Fábio Peres Gonçalves, expressa que, em forma de uma metáfora, a ATD é constituinte de um processo de comunicação na acepção de Paulo Freire, em sua obra *Extensão ou Comunicação*.

Afirmar que “toda palavra é uma semente”¹ é como quem diz, por exemplo, que dela vem outras, que as palavras nunca estão solitárias. Isso expressa, em parte, uma compreensão da análise textual discursiva, particularmente, do processo de produção de metatextos decorrentes da etapa de comunicação. A análise possui como uma qualidade intrínseca o seu caráter lacunar, de modo que dela germinam novas palavras, que dão vida à pesquisa e às nossas aprendizagens. Também os desdobramentos para novos estudos, as sugestões modestamente compartilhadas com outros pesquisadores e as críticas à análise, as quais não se podem evitar, dentre outros aspectos, permitem-nos vislumbrar que a palavra do metatexto é uma semente.

Outro ponto a considerar são as metáforas na parte do mosaico que indica artigos teórico-práticos.

O texto *A Análise Textual Discursiva como bússola praxiológica à perspectiva freireana de educação*, de Júlio César Lemos Milli, Ana Paula Solino e Simoni Tormöhlen Gehlen, apresenta a metáfora da bússola praxiológica, que pode orientar/operacionalizar a busca pela transformação da realidade.

A ideia de bússola pedagógica e da dimensão praxiológica, presentes na investigação dos Temas Geradores (Investigação Temática), tem sido defendida por alguns trabalhos que se pautam na pedagogia do educador Paulo Freire. Ao relacionarmos aspectos da Investigação Temática com a Análise Textual Discursiva, emergiu em nós a compreensão desta última enquanto uma bússola praxiológica da perspectiva freireana de educação. Tal metáfora elucida o papel recursivo da ATD de busca pela significação, do elo hermenêutico e dialético entre os sentidos e significados. O sentido apontado pela bússola é a expressão metafórica do compromisso da ATD na Investigação Temática com a objetividade dos fatos, com a realidade e com os fenômenos que se expressam e que se

¹ [1] Trecho de *Lavoura arcaica* (NASSAR, 1989, p. 165).

desejam superar – falamos das contradições sociais. A falta desse compromisso tem sido objeto de crítica de alguns estudos. Todavia, esse caminho não é simples, e, ao percorrê-lo, mesmo cientes desse sentido, não se tem certeza do que pode ser encontrado do outro lado, tampouco pelo caminho. Assim, ao caminhar sob o caos de uma tempestade, metáfora que sustenta o encaminhamento da ATD, captam-se e organizam-se os mais diferentes sentidos, os quais resplandecem em *flashes* de luz. Ao ousarmos complementar essa metáfora sob um viés freireano, dizemos que da tempestade de luz vem o trovão e que esse é o seu compromisso – de transformação, de práxis e, por isso, de bússola praxiológica.

No texto de Charles Guidotti e Valmir Heckler, *O compreender com a Análise Textual Discursiva em uma etnopesquisa-formação com professores de Ciências*, a metáfora é um jogo digital.

No desenvolvimento da Análise para pensar que um mundo vida se forma ao iniciar-se o jogo da busca por compreender. De maneira colaborativa, somos envolvidos na constituição e na análise de informações nas multijanelas dos dispositivos digitais. Não dimensionamos o tempo, fazemos conexões via cliques do *mouse*, no rompimento de distâncias físicas via *webcams*, nas leituras hipertextuais, na escuta de vozes via fones de ouvido. Muitas vezes, também jogamos e ou estruturamos o jogar sem fones de ouvido e ouvimos as vozes oriundas dos livros e de textos em papel.

Orientamo-nos pelas perguntas que tínhamos ao entrarmos no jogo. Elas já não são mais as mesmas ao escrevermos, pois nosso escrever, via os dedos dos teclados, ao escutarmos o outro, se interliga a outras ideias, palavras que expressam sentidos do estar no jogo. O jogo, o jogar e os jogadores são assumidos em permanente transformação. Nesse movimento de busca pela compreensão, a transformação acontece na conexão com distintos jogadores, que são os nossos interlocutores teóricos, empíricos, colegas mais e menos experientes. Não se trata de apenas jogar o jogo, mas de jogar e agir em rede no aperfeiçoamento das regras, na significação de artefatos e ferramentas disponíveis no jogar no Mundo Vida.

Em *Perspectivas formativas de cursos de Licenciatura em Química: o desvelar dos projetos pedagógicos a partir da Análise Textual Discursiva*, a autora traz linhas e fios para construir seu texto.

Eu, Nyuara Mesquita, de uma família de mulheres professoras e costureiras, trouxe para o texto apresentado no dossiê a metáfora das linhas e fios, cruzando-se nas tramas ao formarem os tecidos, que precisam ser costurados com alinhavos e arremates. Como professora/pesquisadora, entrelaço ideias que tomam corpo e se estruturam em tessituras de textos e contextos que, a partir de novos emaranhados, nos apresentam a complexidade dos objetos de pesquisa. Dessa forma, entendendo que complexo é aquilo que é tecido junto, apresento aos leitores ideias sobre as quais tenho refletido em minha formação e atuação como pesquisadora na área de Ensino de Química.

No texto *A Análise Textual Discursiva na pesquisa qualitativa no Ensino de Filosofia: peneiradas intempestivas no PROF-FILO*, Sônia Maria Lira Ferreira, Rosemary Marinho da Silva e Gabriela da Nóbrega Carreiro, já no título apresentam a metáfora escolhida.

“Saúdo as minhas irmãs, de suor, papel e tinta, fiandeiras, tecelãs” (Graça Graúna, *Retratos*, 2016), de tantas vozes e rostos indígenas Ikpeng, Uanana, Baniwa, Baré, entre outros que, com sabedoria milenar, nos ofertaram um conhecimento técnico/prático de transformação do cipó, da palha, das fibras flexíveis de tantas palmeiras de nossas generosas matas brasileiras em um instrumento de trabalho e festa – a peneira. Transformadora da mandioca brava em alimento que acompanha as mesas dos povos mais simples do nordeste brasileiro, a peneira é cantada por tantos e tantas poetas, contadoras e contadores: “eu tava na peneira, eu tava peneirando, eu tava no namoro, eu tava namorando”. Nesse entrançado do tempo, encontramos-nos peneirando palavras, sentidos, descrições, interpretações. Encontramos na ATD essa peneira-dos-significados no fazer das ciências.

Vivian Calixto, no texto *Reflexões acerca do desenvolvimento da autoria no exercício da escrita envolvido na Análise Textual Discursiva: um horizonte compreensivo*, tenciona compreender a potência da ATD no percurso de constituição do vir a ser professor/pesquisador e no desenvolvimento de sua autoria. Para ela, emerge a metáfora de “viajar em alto-mar”.

Compreendo que trabalhar com a ATD, desenvolver a autoria e o vir a ser professora/pesquisadora nesse movimento é um eterno viajar rumo ao alto-mar, desbravar novos horizontes, construir novas aprendizagens e romper com o medo de deixar o porto e a calmaria da costa. Como dizem aqueles que têm como espaço de trabalho o mar: “mar calmo não faz bom marinheiro!”. É nesse cenário que compreendo que trabalhar com a ATD nos desafia a aprender a escrever e a viajar, construindo o mapa no percurso, e, diante do caos da tempestade que nos surpreende em mar aberto, valorizar a calmaria e as novas cores que afloram após a tormenta.

Trabalhar com a ATD desafia-nos a viajar, a deixar a calmaria da costa, a enfrentar tempestades caóticas e mares revoltos, mas oportuniza-nos parar em portos de reabastecimento, ampliando nossas ferramentas e lentes de navegação. Nesse contínuo exercício de viajar, parando em portos, reabastecendo-se e partindo rumo a novos horizontes, nossa compreensão de mundo amplia-se, possibilita-nos ressurgir como a Fênix – após o caos, emerge a ordem e, com isso, a transformação.

Ainda podemos ressaltar as metáforas que reúnem resultados de pesquisa de doutorado e que mostram como os pesquisadores os organizaram em seus metatextos.

Liliane Antikeira e Celiane Machado utilizam a metáfora do caleidociclo em seu texto, intitulado *Análise Textual Discursiva na pesquisa sobre formação de professores de Matemática*.

Escolhemos a metáfora do caleidociclo. Do ponto de vista etimológico, o nome “caleidociclo” é originário da composição de três palavras gregas: *kalos* (belo), *eidos* (forma) e *kyklos* (ciclo), ou seja, bela forma cíclica. Assim também é a ATD, entendida como um ciclo, compreendendo uma sequência recursiva de movimentos que envolvem a desconstrução, a emergência e a comunicação.

As figuras geométricas que compõem o caleidociclo são unidas pelas suas extremidades, formando um círculo, que pode ser girado infinitas vezes. Cada figura isolada contém uma multiplicidade de sentidos, mas juntas fazem parte de um todo. A ATD também é assim constituída, inicialmente, pela fragmentação, pelo isolamento, mas na sequência

ocorre um processo auto-organizado: o todo por meio das partes. A arte do colorido, da criatividade, da beleza e da imaginação faz parte de cada movimento, de cada parte, assim como a atenção e a rigorosidade, pois a cada giro é formada uma figura diferente. A cada olhar, criam-se outras compreensões, isso porque as faces internas passam para o lado externo e vice-versa, continuamente. É a emergência do novo!

Em um processo de idas e vindas é que podemos elaborar composições aleatórias de imagens e contemplá-las: são os metatextos. Esses nos possibilitam explorar metamorfoses contidas em um encadeamento das partes no todo, o que transforma o todo em algo bem diferente daquilo que parecia ser, sugerindo descobertas, surpresas e aprendizagens. O resultado final é criativo e original. Não pode ser previsto, apenas contemplado por quem fez e pelos outros!

Daner Martins, como resultado de sua tese de doutoramento, apresenta o texto *O ensino de Matemática para cegos no município do Rio Grande*. Inspirado em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, apresenta narrativas de alunos cegos.

A minha escolha de metáfora é a cegueira, companheira de trabalho de grande parte dos pesquisadores, especialmente no processo inicial, em que as incertezas e pontos cegos da pesquisa são inúmeros.

Penso que, para facilitar o caminho, a Análise Textual Discursiva (ATD) desempenha para o pesquisador o mesmo papel que as mãos exercem para quem não enxerga. O tato e a ATD oportunizam a acessibilidade a um mundo anteriormente desconhecido, trazendo clareza e compreensão.

As aproximações realizadas pelo pesquisador em cada unidade para a formação de categorias são obras artesanais, processo semelhante ao da construção da imagem de um objeto com o tato para uma pessoa cega. A partir do auxílio da ATD e de seu referencial teórico, o pesquisador vai “tateando” o *corpus* de análise para formar a interpretação dos dados de pesquisa e, por meio do Metatexto, efetivar a comunicação dos resultados do trabalho.

Marcus Ribeiro em seu texto *A contribuição da Análise Textual Discursiva para compreender o PIBID como comunidade de prática* mostra que a experiência dos professores da escola da educação básica e dos professores das instituições universitárias formadoras se mostrou decisiva para a intenção dos professores em formação de assumirem a profissão e os desafios na complexidade que a constitui cotidianamente. Ele afirmou: Como pesquisador, tenho duas sensações durante o processo da Análise Textual Discursiva. Primeiro, apreensão por modificar a beleza do que está feito, reduzi-lo a partes para buscar compreender o todo; depois, alegria pela emergência do que se fez, a nova contribuição, o novo todo que, logo, terá sua beleza modificada e também será reduzido por outro pesquisador.

Outro foco apresentado no dossiê é sobre o uso de diferentes *softwares*.

O artigo *O Uso do Software Nvivo como Ferramenta Auxiliar da Organização de Informações da Análise Textual Discursiva* apresenta a metáfora do mergulho, conforme é descrita por Danielle Müller de Andrade, Elisabeth Brandão Schmidt e Fabiana Celente Montiel.

Amantes do mar e de tudo que nele vive, propusemo-nos a escrever o artigo que compõe este dossiê fazendo um mergulho no mar, onde, em cada imersão ou etapa do mergulho, buscássemos algo novo. Isso ocorre na ATD.

Diante do imenso mar da pesquisa – *corpus* de análise –, o/a mergulhador/a inicialmente sente-se inseguro/a por não saber se conseguirá vencer as diferentes correntes de água que, em um primeiro olhar, passam despercebidas. É na imersão no universo do mar/pesquisa que o/a mergulhador/a, ao perceber os pequenos e sutis detalhes que compõem a imensidão, capta os sentidos e significados presentes na aventura de mergulhar, registrando-os em forma de notas e comentários no texto. Cada mergulho desencadeia um novo movimento, suscita a busca por semelhanças entre os diversos peixes, corais e espécies mais perigosas, mostra algo novo, desperta percepções variadas, revela o desconhecido. Durante o mergulho na ATD, o/a pesquisador/a busca as semelhanças nos sentidos e significados expressos em cada parte observada, a fim de formar suas categorias – iniciais, intermediárias e finais.

Porém, um mergulho profundo, pausado e prazeroso requer equipamento específico, como cilindros de oxigênio e roupas adequadas. São eles que poderão contribuir para a segurança e o sucesso da aventura. Entendemos que o NVivo é um desses equipamentos específicos que dão suporte à imersão na ATD, permitindo o ir e vir constante às partes e ao todo. O/A mergulhador/a pode realizar a ATD sem o NVivo? Sim. Todavia, ele/a poderá ir mais longe e mergulhar mais profundamente se contar com um equipamento especial como o NVivo.

Leonir Lorenzetti, Tamara Dias Domiciano e Ana Paula Geraldo trazem a metáfora da metamorfose em seu artigo, *A utilização do software QDA Miner Lite nas pesquisas que utilizam a Análise Textual Discursiva*.

Ao refletirmos sobre nosso artigo, podemos descrevê-lo como uma metamorfose. A constituição dos dados da pesquisa não é um processo fácil – é longo e tem obstáculos. É o que ocorre no estágio de ovo da borboleta, que demora dias para eclodir, dependendo de diversas condições. Já o *corpus* constituído aparece inicialmente com uma dada forma, aspectos e características que lhe são próprias, como a lagarta no início de sua vida. Com o tempo, a lagarta inicia a formação do casulo, que auxiliará na sua transformação. Em nosso artigo, o casulo pode fazer alusão ao uso do *software* de análise qualitativa, representando uma ferramenta que auxilia na transição para a forma que tomarão os materiais após o processo de análise e interpretações, sendo o auge da metamorfose. O nascimento da borboleta, por sua vez, é o nascimento do novo emergente, das unidades de sentido. Sua nova forma é uma incógnita, uma vez que as cores e formatos da lagarta não definem a cor, o formato e o tamanho da borboleta. Este é o processo de ATD, em que não se sabe de antemão o que a unitarização e a categorização nos mostrarão, apenas que lhe é inerente a capacidade de transformar realidades, polinizando novas ideias, sentidos e significados sobre o universo investigado.

Da Colômbia, Leidy Gabriela Ariza Ariza envia-nos o texto *Dimensión dialógica entre los procedimientos de Atd y el uso de Atlas.Ti como herramienta en la investigación*, apresentando um estudo de caso na Educação Ambiental com uso da ferramenta de análise de dados Atlas.ti.

Há metáforas também no terceiro foco: textos que apresentam modos de ensinar pela Análise Textual Discursiva desde o início da graduação e na pós-graduação. Um deles é o texto de Roberta Chiesa Bartelmebs, *Mas o que eu sei? O movimento da aprendizagem da escrita acadêmica a partir da Análise Textual Discursiva* e a metáfora associa-se à grande paixão de Roberta: a Astronomia. Quem não assistiu a *Guerra nas Estrelas*?

Padawan inicia uma nova missão na academia Jedai: imagino minha trajetória e a dos alunos de graduação e mestrado, em que somos os antigos padawans (do universo Star Wars), aceitos na academia Jedai, mas ainda não somos "guerreiros", estamos em treinamento. No nosso caso da academia, não somos pesquisadores, estamos em treinamento... Além disso, os Jedai são (ou foram, lá no universo Star Wars antigo) uma fonte para a República, lidando com a força (que poderia ser o discurso acadêmico?) e mantendo a República forte, agindo "contra" os Imperialistas...

Outro texto, de Andrei Steveen Moreno, *O Linguagear na compreensão da Análise Textual Discursiva*, traz uma metáfora mitológica relacionada ao caminhar e assim Steveen escreve sobre ela:

Na mitologia grega, as sandálias aladas de Hermes – deus mensageiro, intermediário entre deuses e homens, o intérprete – permitiam-lhe transportar-se a lugares distantes, levando com ele suas mensagens. Na Análise Textual Discursiva, os processos interpretativos são longas viagens; o pensamento transporta-se e movimenta-se dentro de diferentes contextos, com o intuito de procurar uma melhor compreensão dos fenômenos por meio da linguagem. Assim, na ATD, é essencial pegar emprestadas as sandálias mágicas de Hermes para realizar deslocamentos do pensamento que nos levem a encontrar novas interpretações e a comunicar melhor nossas mensagens.

O dossiê que agora vocês leem, foi submetido à *Revista de Pesquisa Qualitativa* nos últimos dias da primavera, esperando o verão de 2021 chegar!

Referências

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C.; **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Editores convidados

Maria do Carmo Galiazzi

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Maurivan Güntzel Ramos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Valderez Marina do Rosário Lima

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

22 de dezembro de 2020